
JANELA PARA O MUNDO OU ESPELHO PARA A ALMA? REFLEXÕES SOBRE O PAPEL DA TELEVISÃO COMERCIAL BRASILEIRA NO CONTEXTO DA FLEXIBILIZAÇÃO E DA GLOBALIZAÇÃO DA ECONOMIA*

*Rita de Cássia Lahoz Morelli***

Resumo

O objetivo deste artigo é refletir sobre o significado da presença crescente da imagem dos brasileiros econômica e culturalmente excluídos na tela da televisão aberta do país. O que se propõe é relacionar essa presença às novas funções sociais que, na opinião da autora, essa televisão teria passado a desempenhar no contexto da flexibilização e da globalização da economia nacional.

Começo explicando o título.

Seriam as produções midiáticas contemporâneas mais parecidas com janelas para o mundo ou com espelhos para a alma?

* Este artigo constitui o texto de uma comunicação que apresentei originalmente no seminário "Mídia e cultura no contexto da América Latina", realizado no dia 7 de julho de 2005, dentro da programação do Fórum Permanente de Arte e Cultura da Unicamp.

** Doutora em Ciências Sociais e professora do Departamento de Antropologia do IFCH da Unicamp. Rita Morelli integra o Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social e o Doutorado em Ciências Sociais na área de Cultura e Política. Participa, atualmente, do GT da Clacso intitulado "Producción audiovisual y medios en la praxis latinoamericana". É autora de dois livros: *Indústria fonográfica: um estudo antropológico* (1991) e *Arrogantes, anônimos, subversivos: interpretando o acordo e a discórdia na tradição autoral brasileira* (2000).

Como janelas para o mundo, seriam semelhantes aos mecanismos de desencaxe, conceituados pelo sociólogo inglês Anthony Giddens, os quais, desencaxando as relações sociais dos contextos imediatos das interações face a face, e trazendo para esse contexto a mediação representada pela presença de muitos e diversos ausentes, ampliam os horizontes cognitivos e emocionais de todos os envolvidos, contribuindo para a emancipação individual em relação às normas e aos valores locais, para o desenvolvimento da capacidade de crítica e autocrítica, e, enfim, para o incremento da reflexividade constitutiva da modernidade.

Como espelhos para a alma, seriam, em certo sentido, o contrário de tudo isso, uma vez que a idéia de espelho está associada à reiteração do mesmo, ao realismo meramente reflexo (e não reflexivo), ao estreitamento dos parâmetros lógicos e morais de avaliação e julgamento do real àqueles normativamente consagrados, ao aprisionamento do sujeito em um narcisismo social e individual que é o oposto de toda crítica e de toda autocrítica.

Parece-me claro que, no contexto da globalização da economia e das comunicações, há uma tendência muito forte no sentido de que as produções midiáticas se tornem cada vez mais parecidas com janelas para o mundo.

No entanto, o argumento que pretendo desenvolver aqui é o de que as produções da televisão aberta brasileira, contrariando essa tendência, têm se tornado cada vez mais parecidas com janelas para a alma – e isso porque, como pode ser observado em quase todos os canais, e em quase todas as horas do dia e da noite, tem havido um incremento inusitado da presença da população pobre brasileira na tela.

Considerando, entretanto, que isso tem se dado ao mesmo tempo em que o grau de exclusão social se acirra, dadas justamente as conseqüências nefastas da globalização da economia em nosso país, acredito que esteja ocorrendo uma modificação importantíssima no significado da presença da população pobre na tela da TV brasileira, modificação esta que estaria ligada ao fato de que as funções sociais desse veículo teriam elas mesmas se modificado radicalmente no novo contexto econômico.

Faço inicialmente um retrospecto histórico.

Na era Vargas, e no contexto do nacional-populismo, o rádio se constituiu no veículo privilegiado por meio do qual o Estado interpelava os cidadãos brasileiros como trabalhadores. Embora não se possa falar em fordismo no Brasil, porque a capacidade

de inclusão econômica sempre foi pequena em nosso país, creio que esta foi a fase em que mais nos aproximamos de uma inclusão de tipo fordista, dado que datam justamente desse período os direitos trabalhistas básicos que a flexibilização contemporânea tanto ameaça. O próprio rádio, como veículo, era também mais socialmente inclusivo do que viria a ser a televisão em seus primórdios. Como observa José Ramos Tinhorão, no livro *Música Popular – do Gramofone ao Rádio e TV* (Editora Ática), a programação típica do rádio no período eram os programas de auditório da Rádio Nacional nos anos de 1940, por exemplo, nos quais a presença do povo pobre era marcante, principalmente se os comparamos, como faz o autor, com os festivais da TV Record dos anos de 1960, cujos auditórios eram formados por um público bem-nascido de estudantes universitários.

Quando surge a TV, e enquanto o acesso a ela é restrito às camadas mais favorecidas da população, sua função social é evidentemente econômica. Por meio da televisão, as grandes corporações industriais, que aqui se instalavam graças ao projeto político de substituição das importações por produção local de origem multinacional, interpelaram os cidadãos brasileiros como consumidores, particularmente dos bens duráveis que o progresso oferecia para o conforto burguês e pequeno-burguês (automóveis, refrigeradores, enceradeiras, e, é claro, a própria televisão).

O acesso à TV por camadas cada vez mais amplas da população foi certamente tornando suas funções ainda mais comerciais, no sentido de que uma gama cada vez maior de produtos de consumo de massa passou a ser apresentada ao público consumidor por meio dela.

Mas é justamente essa tendência a que a meu ver se reverte com o advento da flexibilização da economia e sua abertura neoliberal para o mundo.

O processo de inclusão econômica não só se estanca, como se reverte em exclusão crescente, que atinge inclusive camadas anteriormente incluídas. Isso obviamente afeta o mercado de consumo de produtos de massa, o que, somado à concorrência de produtos estrangeiros propiciada pela abertura econômica, descapitaliza os setores voltados para a produção de produtos para esse mercado, diminuindo sua capacidade de investimento em publicidade. Por outro lado, para alcançar o número cada vez menor daqueles cidadãos que ainda consomem, os novos produtos segmentados da produção flexível não são mais anunciados na velha e já massificada TV aberta, ou pelo menos não o são

preferencialmente, de modo que ela foi perdendo terreno para modalidades cada vez mais segmentadas de veiculação publicitária, inclusive televisiva. Por ambas as razões o que se tem hoje no Brasil é uma TV aberta extremamente empobrecida, voltada para as camadas mais extremamente pobres e empobrecidas da população.

É nesse contexto que imagino que as funções sociais da chamada TV comercial brasileira estejam se tornando outras, e que talvez nem sejam mais funções comerciais. Depois de terem sido, em outros tempos, interpelados pelo Estado e pelas grandes corporações industriais como trabalhadores e como consumidores por intermédio do rádio ou da TV, os telespectadores da TV aberta dos dias de hoje parecem ser unicamente chamados a consumir imagens, inclusive as imagens das mercadorias, em lugar das mercadorias em si. E parecem ser chamados por ela para consumir sobretudo a falsa imagem de si mesmos como consumidores de mercadorias, de tal modo se lhes insiste que tomem dinheiro emprestado ou que comprem a prestação, em inúmeras e quase vitalícias parcelas mensais, sob juros escorchantes, em lojas superpopulares que têm capital para investir em publicidade justamente porque vendem crédito, mais que mercadorias, ou seja, que podem financiar aos aspirantes a consumidor o divertimento gratuito que a TV aberta lhes oferece justamente porque lhes exploram a pobreza material extrema.

De fato, acredito que neste momento histórico as funções sociais da TV aberta brasileira sejam mais políticas que econômicas, na medida em que o consumo das imagens sirva de alguma forma para aplacar a consciência e a revolta dos que não consomem mercadorias, oferecendo-lhes a satisfação imaginária de algumas de suas carências.

Tendo explicado o título, e tendo feito um retrospecto histórico com base no qual pude afirmar uma mudança nas funções sociais da TV aberta brasileira no contexto econômico da globalização e da flexibilização, cabe-me estabelecer ainda a relação entre esse contexto e a alternativa entre janela e espelho que foi anteriormente elaborada.

Antes, porém, quero apresentar rapidamente as idéias dos dois autores que mais me influenciaram no estabelecimento dessa relação.

O primeiro é Martín Hopenhayn, e eu me refiro particularmente a seu artigo “Vida insular en la aldea global. Paradojas en curso”, publicado em uma coletânea organizada por Martín Barbero e outros, intitulada *Cultura y Globalización* (Universidad Nacional de Colombia).

Hopenhayn caracteriza a globalização pelo volume sem precedente de massa monetária e de imagens que circulam no planeta, e pela instantaneidade dessa circulação. Aponta, entretanto, para uma distinção importante: enquanto o dinheiro circula concentrando-se, as imagens o fazem disseminando-se, ou seja, enquanto ocorre em cada país uma concentração crescente dos benefícios econômicos da abertura externa, multiplicam-se e se democratizam, por intermédio da abertura comunicacional, as opções do que ele chama de “gratificação simbólica”. Assim sendo, para os excluídos dos benefícios econômicos, a globalização representaria “las manos vacías y los ojos colmados com imágenes del mundo”.

É nesse sentido que, conforme observa o autor, a globalização contraria a utopia moderna: ela acirra a exclusão social ao mesmo tempo em que parece promover a inclusão cultural, quando o que se imaginava utopicamente era que a inclusão social estivesse na base de toda e qualquer inclusão. O autor conclui, entretanto, pela ambigüidade das tendências contemporâneas, concordando, aparentemente, com os que louvam algumas delas e deploram outras, mas creio que, se nos mantivermos utópicos e modernos, podemos desqualificar como falsas todas as modalidades de inclusão dos excluídos que se fundem na manutenção da exclusão. E é como uma dessas modalidades que vejo justamente os espelhos que a televisão aberta brasileira tem oferecido para a alma, em detrimento cada vez maior das janelas para o mundo, na medida em que é justamente a imagem do telespectador excluído dos benefícios econômicos da globalização – inclusive do acesso às TVs pagas – o que esses espelhos têm cada vez mais refletido ultimamente.

O segundo autor é Marc Augé, e eu me refiro particularmente a seu livro *A guerra dos sonhos* (Papirus).

Para o autor, o que a avalanche de imagens difundidas pelas novas tecnologias de informação e comunicação pode estar provocando em escala planetária é a emergência de um novo regime de ficção, caracterizado pela ficcionalização generalizada e pela ameaça aos estatutos tradicionais dos imaginários individual e coletivo e da própria ficção. Para ele, o que havia tradicionalmente era uma comunicação permanente e recíproca entre essas três instâncias (os imaginários individual e coletivo e a ficção), caracterizando-se a ficção por um olhar sobre o real que, não se confundindo com ele

nem com os imaginários coletivos que o interpretavam, constituía o olhar singular do autor. A experiência do “jogo” ficcional era portanto libertadora, não só porque instituía uma distância respeitosa, digamos assim, entre as pressões dos sistemas simbólicos e a imaginação dos indivíduos, mas sobretudo porque acionava relações de alteridade, uma vez que os imaginários do autor de um livro e de seu leitor, por exemplo, chocavam-se entre si nesse “jogo”, embora pudessem muito eventualmente coincidir, produzindo então o que Augé chama de uma tênue prova de realidade e de sociabilidade. Concluo disso tudo que estávamos tradicionalmente diante da ficção como diante de janelas para o mundo, que eram sobretudo janelas para o outro.

Para Augé, tudo muda com a atual “ficcionalização” generalizada: em primeiro lugar, porque a ficção que invade o mundo é sem autor, e não propicia relações de alteridade; em segundo lugar, porque ela transforma em ficção todos os imaginários coletivos, inclusive os mitos (e as utopias) mais modernos, que outrora irrigavam em mão dupla os imaginários individuais; e, em terceiro lugar, porque, invadindo o próprio real, ela se confunde com ele e faz desaparecer a condição de sua própria existência como ficção, de tal forma que o autor passa a denominá-la “ficção-imagem”. A consequência disso para o imaginário individual seria trágica: nas palavras do autor, o ego que só fosse informado pela ficção-imagem – vale dizer, que só se relacionasse com ela, cortados seus vínculos com os imaginários coletivos eles mesmos “ficcionalizados” e com os outros tornados eles mesmos abstratos e virtuais – seria ele mesmo um “ego ficcional”.

É interessante observar que Augé considera que o cinema obriga a uma abertura ímpar, intensa e prolongada para o outro, propiciando uma identificação com o ponto de vista do autor que é, nesse caso, mais importante que a identificação com os personagens – e chega a citar Christian Metz, para quem o “estágio da tela” seria por isso mesmo uma inversão do “estágio do espelho” lacanianiano. Para Metz e para Augé, não é a si mesmo que o espectador de cinema vê na tela – mesmo que possa também se projetar na pele incorpórea de um personagem, como efetivamente quase sempre o faz –, mas ao outro, ao imaginário do outro que é o autor do filme.

Ao contrário, Augé considera que no caso da televisão a identificação se dá quase que unicamente com os personagens, uma vez que na maioria das vezes não há sequer autor das mensagens transmitidas – de onde se pode concluir que se dá muito mais

consigo mesmo, projetado nesses outros abstratos e virtuais que são os personagens, do que com um outro concreto e singular, como era o caso do autor de cinema.

O que teríamos, portanto, neste momento em que se observa a ficcionalização generalizada, visível para o autor sobretudo na pseudotela da televisão, é justamente o desaparecimento da alteridade. Ou seja, janelas fechadas para o outro e para o mundo, e espelhos pregados na parede no lugar delas.

Creio já ser possível estabelecer finalmente a relação entre janelas, espelhos e economia que o título desta minha reflexão evocava.

Conforme anunciei inicialmente, tal como eu as concebo, as novas funções sociais da TV aberta brasileira modificam o significado da presença dos pobres na tela: essa presença – que é avassaladora, para dizer o mínimo, já que se estende para além dos auditórios e alcança o próprio espaço onde se configuravam anteriormente as performances artísticas – não representa a inclusão social que realmente representava na era do rádio, mas antes uma pseudo-inclusão no sentido de Hopenhayn, ou seja, a inclusão da própria imagem dos pobres entre as imagens que se oferecem para seu consumo, inclusão essa que se baseia justamente na manutenção e no reforço da pobreza, tanto material quanto cultural.

Isso porque, se é a imagem da própria precariedade material e cultural dos pobres o que se projeta na tela – e se isso se faz como mero reflexo e não como reflexão –, então, o que se tem é simplesmente a afirmação do mesmo, a reiteração do real. Para cada um dos telespectadores excluídos dos benefícios econômicos e culturais da flexibilização e da globalização, que se identificam com a pobreza e a ignorância dos outros tantos excluídos que a TV aberta apresenta muitas vezes como artistas, o que se oferece é a imagem de si, em lugar da imagem do outro, e o que se tem é o espelho em lugar da janela.

Mais do que isso, o que se tem é um espelho mágico, capaz de propiciar um narcisismo generalizado, independentemente dos méritos de cada um, isto é, capaz de propiciar um narcisismo conformista e conformado, apenas e tão-somente porque protege a massa dos telespectadores da dor do confronto com o outro: seja o outro da autoria da verdadeira obra de arte, como em Augé, seja o outro social, o que participa dos benefícios materiais e culturais da flexibilização e da globalização econômica, e cuja presença na tela da TV

aberta sempre poderia evocar para o telespectador de massa a diferença social, trazendo-lhe à consciência sua própria precariedade material e cultural, da outra forma glorificada.

Enfim, os espelhos para as almas fecham as janelas para o mundo, para os outros, para o mundo dos outros, encerrando os excluídos entre as paredes de sua própria casa. Confortam-no com o reflexo de sua própria imagem glorificada e com a reiteração dos limites sociais, culturais e psíquicos de seu próprio universo cognitivo, moral e estético.

Para terminar com uma frase de efeito, eu faria uma paráfrase de Hopenhayn, e diria, em espanhol (para homenagear a antropóloga argentina Susana Sel, presença brilhante na edição do Fórum Permanente de Arte e Cultura da Unicamp em que apresentei pela primeira vez esta reflexão): “Manos vacías, si, pero em lugar de las imágenes del mundo, los ojos colmados com las más buenas de las imágenes de si.”

Abstract

This article works on the significance of the growing predominance of the economic and socially excluded Brazilian people's image on the national overt TV's screen. The proposition is to make a relationship between this predominance and the new social functions that, in author's opinion, this television had been fulfilled in the context of the national economy's flexibility and globalization.

Referências bibliográficas

- AUGÉ, M. *A guerra dos sonhos*. Campinas: Papirus, 1998.
- GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Editora da Unesp, 1991.
- HOPENHAYN, M. “Vida insular en la aldea global. Paradojas en curso.” In: MARTÍN BARBERO, J.; LÓPEZ DE LA ROCHE, F.; JARAMILLO, J. E. (orgs.). *Cultura y globalización*. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 1999.
- METZ, C. *Le signifiant imaginaire*. 3. ed. Paris: Bourgois, 1993.
- TINHORÃO, J. R. *Música popular – Do gramofone ao rádio e TV*. São Paulo: Editora Ática, 1978.